

IMAGEM E PALAVRA: SINCRETISMO EM DIFERENTES GÊNEROS

IMAGE AND WORD: SYNCRETISM IN DIFFERENT GENRES

Adriane Belluci Belório de Castro
Léa Sílvia Braga de Castro Sá

1. Professora Dra. de
Comunicação e Língua
Portuguesa da Faculdade de
Tecnologia de Botucatu, Av. José
Italo Bacchi, s/n, Jd. Aeroporto,
Botucatu, SP. E-mail: acastro@fatecbt.edu.br

2. Professora de Língua
Portuguesa da Universidade
do Sagrado Coração, Rua Irmã
Armanda, 10-80, Jd. Brasil,
Bauru, SP. E-mail: leasa@usc.br

CASTRO, Adriane Belluci Belório de; SÁ, Léa Sílvia Braga de Castro. *Imagem e Palavra: Sincretismo em Diferentes Gêneros*. Mimesis, Bauru, v. 32, n. 2, p. 99-114, 2011.

RESUMO

Neste trabalho, pretendemos apresentar a análise de alguns textos em cujas composições revelam o sincretismo como principal elemento de construção do sentido. Analisaremos gêneros que utilizam o recurso dos (ambi)caligramas, entendidos por nós como uma tentativa de recriação do signo linguístico e do signo visual gerando o signo iconográfico, o qual funde em si traços da letra e do desenho numa combinação de diferentes planos de expressão. Para entendermos essa combinação, recorreremos à semiótica francesa, que se consolidou, entre outros aspectos, como a teoria que possibilitou o alargamento do conceito de linguagem ao conjunto dos sistemas de significação, verbais ou não verbais. Desse modo, essa perspectiva teórica se mostra apropriada não só para o estudo das diferentes linguagens, mas também para a análise da relação sincrética entre elas.

Recebido em:19/04/2011
Aceito em:23/09/2011

Palavras-chave: (Ambi)caligramas. Imagem. Palavra. Semiótica. Sincretismo.

ABSTRACT

In this work, we intend to present an analysis of some texts whose compositions reveal syncretism as the main element of the construction of meaning. We analyze genres that use of the resource (ambi) calligrams, understood by us as an attempt to recreate the sign language and the visual sign iconographic generating the sign, which merges itself traces of the letter and drawing on a combination of different levels of expression . To understand this combination, we used the French Semiotics, which was consolidated, among other aspects, such as the theory that enabled the extension of the concept of language to all systems of signification, verbal or non-verbal, thus this theoretical perspective proves appropriate not only for the study of different languages, but also to analyze the syncretic relationship between them.

Keywords: (Ambi)calligrams. Image. Word. Semiotics. Syncretism.

INTRODUÇÃO

Há quem diga que uma imagem pode testemunhar o que não se consegue colocar em palavras, mas seria essa a relação entre imagem e palavra em nossos dias: uma diz o que a outra não pode revelar?

Creemos que não, pois imagem e palavra se completam nos cenários discursivos contemporâneos. Há entre elas um princípio de interação constante, de circularidade reflexiva e criadora. Elas se suprem mutuamente de suas deficiências, se alimentam uma da outra, como num ciclo vital, para gerar sentido.

Imagem e palavra são linguagens distintas em natureza – forma e substância da expressão –, mas semelhantes em atributos – forma e substância do conteúdo –, além disso, ambas realizam funções comunicativas e, conseqüentemente, discursivas.

Para entendermos um pouco mais dessa relação, recorreremos à semiótica francesa, que se mostra apropriada não só para o estudo das diferentes linguagens que permeiam e constroem nosso espaço social, mas também para a análise da relação entre elas. Assim, para a semiótica, tal relação se destaca como sincretismo, que pode ser

CASTRO, Adriane Belluci Belório de; SÁ, Léa Sílvia Braga de Castro. *Imagem e Palavra: Sincretismo em Diferentes Gêneros*. Mimesis, Bauru, v. 32, n. 2, p. 99-114, 2011.

CASTRO, Adriane Belluci Belório de; SÁ, Léa Sílvia Braga de Castro. *Imagem e Palavra: Sincretismo em Diferentes Gêneros*. Mimesis, Bauru, v. 32, n. 2, p. 99-114, 2011.

entendido como a interligação estabelecida entre linguagens num determinado texto no qual a construção do sentido se torna decorrente dessa relação.

O sincretismo pode ser observado intensamente em nossos dias em diferentes meios de comunicação, entretanto, neste artigo, pretendemos nos ater à análise de apenas alguns textos em cujas composições revelam o sincretismo como principal elemento de construção do sentido.

Analisaremos gêneros que utilizam o recurso dos (ambi)caligramas, entendidos por nós como uma tentativa de recriação do signo linguístico e do signo visual gerando o signo iconográfico, o qual funde em si traços da letra e do desenho numa combinação de diferentes planos de expressão.

Nesse caso, uma vez que o plano de expressão só permite a manifestação do sentido (ali construído) através da complementação que o traçado verbal concede ao visual e vice-versa, ou seja, aquilo que é característica específica de uma linguagem passa a ser elemento significativo de outra linguagem, estamos diante de singulares textos sincréticos que se apresentam como uma combinação de diferentes planos de expressão para formar outro plano de expressão o qual, por sua vez, estará atrelado a um plano de conteúdo exclusivo para esta forma de expressão.

Semiótica e sincretismo

A semiótica, campo de investigação que se constrói a partir de meados do século XX, consolida-se, entre outros fatores, como a teoria que possibilita o alargamento do conceito de linguagem ao conjunto dos sistemas de significação verbais ou não verbais.

Greimas e Courtés (1979, p. 259) declaram que:

Partindo do conceito intuitivo do universo semântico, considerado como o mundo apreensível na sua significação, anteriormente a qualquer análise, tem-se o direito de estabelecer a articulação desse universo em conjuntos significantes ou linguagens, que se justapõem ou se superpõem uns aos outros. Pode-se igualmente tentar indicar algumas características que parecem aplicar-se ao conjunto das linguagens. Assim, todas são biplanas, o que quer dizer que o modo pelo qual elas se manifestam não se confunde com o manifestado [...]

Assim, dessa citação extraímos, pelo menos, duas ideias básicas que vão fundamentar a semiótica e promover, de certo modo, seu

amplo desenvolvimento e aplicação nas ciências humanas: a primeira é que há diferentes conjuntos significantes (linguagens) que articulam o universo semântico; a segunda diz respeito ao fato de que toda linguagem é biplana (conceito desenvolvido por Louis Hjelmslev, em quem Greimas se inspirou para estabelecer os domínios da semiótica).

Para Hjelmslev (1973), toda linguagem se articula em dois planos: o da expressão e o do conteúdo, sendo que ambos podem, ainda, ser observados em relação a uma forma e a uma substância.

Vejam algumas explicações sobre esses planos:

- plano da expressão: deve ser entendido como

[...] o significante saussuriano considerado na totalidade de suas articulações, como o verso de uma folha de papel cujo anverso seria o significado, e não no sentido de ‘imagem acústica’ como uma leitura superficial de Saussure permite a alguns interpretá-lo. O plano da expressão está em relação de pressuposição recíproca com o plano do conteúdo, e a reunião deles no momento do ato de linguagem corresponde à semiose. A distinção desses dois planos da linguagem é, para a teoria hjelmsleviana, logicamente anterior à divisão de cada um deles em forma e substância (GREIMAS; COURTÉS, 1979, p. 174).

- plano do conteúdo:

[...] o termo conteúdo é sinônimo do significado global de Saussure, sendo que a diferença entre o linguista genebrino e Hjelmslev só aparece na maneira de conceber a forma linguística: enquanto para Saussure esta se explica pela indissolúvel união entre significante e significado que assim se ‘enformam’ mutuamente e, pela reunião das duas substâncias, produzem uma forma linguística única, Hjelmslev distingue, para cada plano da linguagem, uma forma e uma substância autônomas: é a reunião das duas formas, a da expressão e a do conteúdo – e não mais a de duas substâncias – que constitui, a seu ver, a forma semiótica (GREIMAS; COURTÉS 1979, p. 80).

A relação de pressuposição recíproca entre a forma da expressão e a do conteúdo é denominada semiose. Semiose também é sinônimo de função semiótica.

Esquematizando, temos na Figura 1:

CASTRO, Adriane Belluci Belório de; SÁ, Léa Sílvia Braga de Castro. *Imagem e Palavra: Sincretismo em Diferentes Gêneros*. Mimesis, Bauru, v. 32, n. 2, p. 99-114, 2011.

CASTRO, Adriane Belluci Belório de; SÁ, Léa Sílvia Braga de Castro. *Imagem e Palavra: Sincretismo em Diferentes Gêneros*. Mimesis, Bauru, v. 32, n. 2, p. 99-114, 2011.

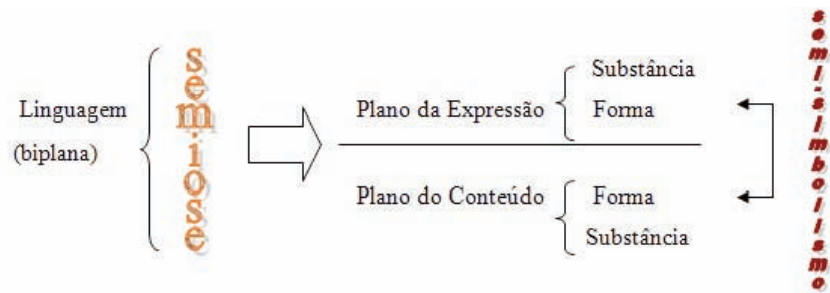


Figura 1 - Semiose e função semiótica.

Deriva, então, da articulação entre os planos da expressão e do conteúdo, o conceito de semi-simbolismo.

O conceito de linguagem semi-simbólica, proposto por Greimas e Courtés (1991, p. 227), tem a finalidade de precisar a teoria helmsleviana no que se refere às línguas monoplanas ou sistemas de símbolos. Para eles, diferentemente dos puros sistemas de símbolos, os sistemas semi-simbólicos são sistemas significantes que não se caracterizam pela conformidade entre as unidades do plano da expressão e do plano do conteúdo, mas pela correlação entre categorias que dependem dos dois planos.

Greimas e Courtés (1991) também esclarecem que, definidos por seu tipo de relação entre forma da expressão e forma do conteúdo, os sistemas semi-simbólicos podem realizar-se de diversos modos. Por exemplo, enquanto um sistema semi-simbólico pode se apoiar em uma só categoria da expressão ou em uma hierarquia de categorias, outros podem fazê-lo sobre uma verdadeira redundância do significante, ou seja, uma dezena de categorias de forma, de cores, de técnicas etc. Um sistema semi-simbólico pode, ainda, se realizar em uma substância sonora, visual ou outra, outros, porém, se realizam em uma semiótica sincrética, em uma pluralidade de substâncias que produzem assim uma sinestesia.

Decorre disso o fato de que, em semiótica, a reunião de linguagens num determinado texto é chamada de “sincretismo”. Sincretismo, portanto, é a relação estabelecida entre as linguagens, num determinado texto, e, conseqüentemente, a construção do sentido decorrente dessa relação.

Em Greimas e Courtes (1991, p. 233), encontramos a seguinte explicação:

As semióticas sincréticas (no sentido de semióticas-objetos, quer dizer, das magnitudes manifestadas que dão a conhecer) se caracterizam pela aplicação de várias linguagens de manifestação. Um *spot* publicitário, uma histo-

rieta, um telejornal, uma manifestação cultural ou política são, entre outros, exemplos de discursos sincréticos. [...] semióticas sincréticas constituem seu plano da expressão – e mais precisamente a substância de seu plano da expressão – com os elementos dependentes de várias semióticas heterogêneas. Afirma-se, assim, a necessidade – e a possibilidade – de abordar estes objetos como “todos” de significação e de proceder, em um primeiro momento, a analisar seu plano do conteúdo. (tradução nossa)³

Outro aspecto definido nesta abordagem hjelmeleviana é a de que a diferença entre expressão e conteúdo é instável, à medida que está sempre por ser estabelecida e fixada a cada análise.

Com o desenvolvimento das teorias enunciativas e do discurso, a semiótica vai assumindo contornos menos estruturalistas e mais discursivos, os quais vão incidir diretamente no processo de análise de textos.

Nesse sentido, Fontanille (2007, p. 43) estabelece a correspondência entre plano de expressão/“mundo exterior” e plano de conteúdo/ “mundo interior”, a fim de destacar a fronteira instituída entre os dois planos da linguagem. Segundo o autor, tal “fronteira não é nada mais do que a posição que o sujeito da percepção atribui-se no mundo quando ele se põe a apreender seu sentido” (FONTANILLE, 2007, p. 43).

Imagem e palavra: sincretismo em (ambi)caligramas

Caligrama é um tipo de texto muito específico cuja construção físico-visual se faz a partir da junção entre imagem (desenho – sistema simbólico) e palavra (letra – sistema semi-simbólico), de tal modo que a disposição tipográfica das palavras sugira uma figura semelhante ao tema abordado, ou que, de algum modo, se estabeleça um vínculo semântico entre tais formas.

Historicamente, considera-se que os hieróglifos foram os pri-

3 Las semióticas sincréticas (en el sentido de semióticas-objetos, es decir, de las magnitudes manifestadas que dan a conocer) se caracterizan por la aplicación de varios lenguajes de manifestación. Un “spot” publicitario, una historieta, un diario televisado, una manifestación cultural o política son, entre otros, ejemplos de discursos sincréticos. [...] las semióticas sincréticas constituyen su plano de expresión – y más precisamente la substancia de su plano de expresión – con los elementos dependientes de varias semióticas heterogêneas. Se afirma así la necesidad – y la posibilidad – de abordar esos objetos como “todos” de significación y de proceder, en un primer tiempo, a analizar su plano de contenido (GREIMAS; COURTÉS, 1991, p. 233).

CASTRO, Adriane Belluci Belório de; SÁ, Léa Sílvia Braga de Castro. *Imagem e Palavra: Sincretismo em Diferentes Gêneros*. Mimesis, Bauru, v. 32, n. 2, p. 99-114, 2011.

CASTRO, Adriane Belluci Belório de; SÁ, Léa Sílvia Braga de Castro. *Imagem e Palavra: Sincretismo em Diferentes Gêneros*. Mimesis, Bauru, v. 32, n. 2, p. 99-114, 2011.

meiros caligramas. Entretanto, ao longo do tempo, os caligramas foram se transformando e passaram a receber diversas denominações: versos figurativos, poemas figurativos, poemas visuais, lirismo visual, entre outras. O texto “O ovo” (Figura 2), do grego Símias de Rodes, três séculos antes de Cristo, é tido reconhecidamente como o primeiro poema visual.

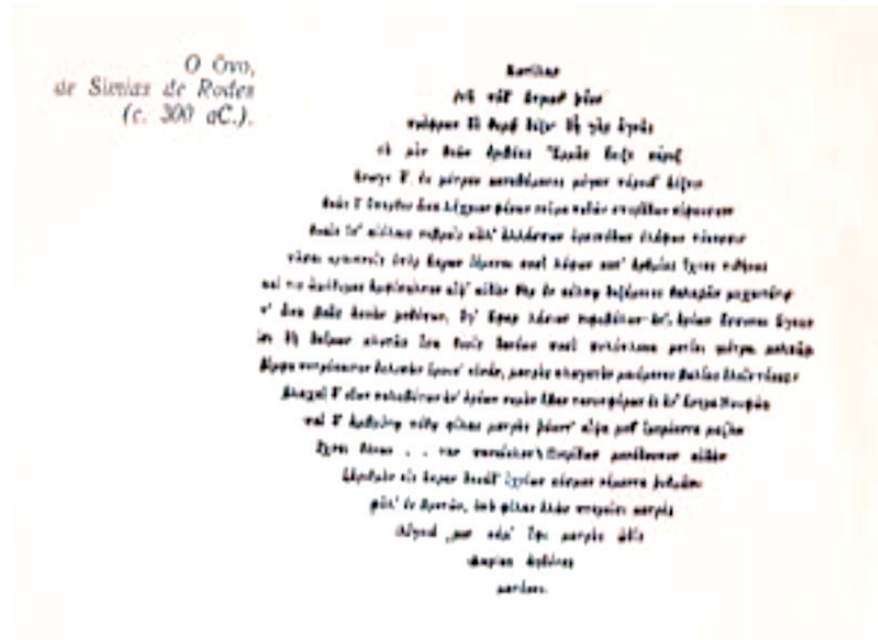


Figura 2 – O ovo, de Símias de Rodes
 Fonte: http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_visual/poesia_visual.html

Diante deste texto sincrético, o leitor se depara com dois planos de expressão diferentes que se combinam e, ao mesmo tempo, constituem-se em uma expressão singular para a construção do sentido. De um lado, o desenho formado pelos signos verbais, habilmente dispostos, propõe uma leitura icônica; de outro, a sequência verbal delimitada pelo contorno da figura leva à leitura da palavra. Indissociavelmente, as linguagens remetem a um significado (plano de conteúdo) exclusivo e unicamente possibilitado pela configuração ovular proposta à disposição do texto verbal. Antes de ser lido, no sentido sintagmático e linear de uma sequência verbal, o poema é percebido visualmente por meio de elementos expressivos do desenho que simbolizam plasticamente o tema abordado (GUIMARÃES, 2004, p. 22).

Campos e Freitas (2011), ao abordarem o conceito de caligrama, remetem ao capítulo *O caligrama desfeito*, do livro *As palavras*

e as coisas de Foucault, no qual o autor arrisca expor a mecânica interna desse recurso, classificando-a, em determinado momento, como um recurso expressivo que teria, a seu ver:

um tríplice papel: compensar o alfabeto; repetir sem o recurso de retórica; prender as coisas na armadilha de uma dupla grafia (...) (se servindo) dessa propriedade das letras que consiste em valer, ao mesmo tempo, como elementos lineares que se pode dispor no espaço e como sinais que se deve desenrolar segundo o encadeamento único da substância sonora. Sinal, a letra permite fixar as palavras; linha, ela permite figurar a coisa. Assim, o caligrama pretende apagar, ludicamente, as mais velhas oposições de nossa civilização alfabética: mostrar e nomear; figurar e dizer; reproduzir e articular; imitar e significar; olhar e ler. Acuando duas vezes a coisa de que fala, ele lhe prepara a mais perfeita armadilha. Por sua dupla entrada, garante essa captura, da qual não são capazes o discurso por si ou o puro desenho (CAMPOS; FREITAS, 2011, p. 2).

Passemos agora ao conceito de ambigrama.

Definido como a representação gráfica de uma palavra que pode ser vista rotacionada ou invertida horizontalmente com a mesma fonética ou representação visual, o ambigrama é também uma composição visual que permite a mudança do ângulo de observação, de modo que possibilite a leitura da mesma palavra ou até mesmo de uma nova palavra diferente da primeira, porém construída com os mesmos sinais gráficos.

Projetando uma ambiguidade visual, o ambigrama condensa em si uma sincronia de expressão verbo-plástica a ponto de sugerir uma nova relação entre a palavra e a imagem na construção do sentido, na medida em que possibilita um signo iconográfico, que vai além do signo linguístico e, ao mesmo tempo, extrapola o signo visual.

Fenollosa, filósofo e estudioso do ideograma oriental, enunciou seu princípio básico: “Nesse processo de compor, duas coisas que se somam não produzem uma terceira, mas sugerem uma relação fundamental entre ambas”. Essa ideia coincide literalmente com o axioma gestaltiano, que perpassa toda a criação ambigramática. Os ambigramas encontram-se, então, no limite enevoadado entre diferentes ordens de percepção, configurando uma dialética visual híbrida e ambígua. Híbrida, porque funde carnalmente a visualidade plástica com uma função semântico-pragmática, criando literalmente uma nova fisicalidade da palavra. Ambígua, porque faz uso extensivo de vários recursos da Gestalt-theorie, enganando o olhar de modo a conseguir seus estranhos e criativos resultados (AMBIGRAMA, 2011).

É nesse sentido que fazemos menção ao aparecimento do signo iconográfico (ícono- > imagem e -grafia > escrita) que parte do visual e do linguístico, expandindo-se para além deles.

CASTRO, Adriane Belluci Belório de; SÁ, Léa Sílvia Braga de Castro. *Imagem e Palavra: Sincretismo em Diferentes Gêneros*. Mimesis, Bauru, v. 32, n. 2, p. 99-114, 2011.

CASTRO, Adriane Belluci Belório de; SÁ, Léa Sílvia Braga de Castro. *Imagem e Palavra: Sincretismo em Diferentes Gêneros*. Mimesis, Bauru, v. 32, n. 2, p. 99-114, 2011.

Outra modalidade derivada dos ambigramas é chamada de ambicaligramas. Estes, além de serem construídos pela combinação e (re)organização entre desenho (traços visuais) e palavra (letras), compartilham sua forma gráfica com uma figura visual, podendo ser rotacionais ou oscilantes – ora parecem letra, ora parecem desenho.

Os ambicaligramas, ao associarem palavra e imagem numa interação constante e indissociável, produzem uma circularidade reflexiva criadora de sentido em um texto. Neste caso, o sincretismo é mais do que a soma entre duas linguagens que estão colocadas lado a lado, é a multiplicação das linguagens fundidas numa inédita e singular expressão que produz o sentido do texto.

Sincretismo em diferentes gêneros e épocas

Como já dissemos anteriormente, o sincretismo está presente em nossos dias de uma forma muito intensa. Atualmente, o desenvolvimento tecnológico contribui para o aparecimento de novos recursos materiais que ampliam a possibilidade de manifestação do sincretismo. Entretanto, o homem, ao longo da história, sempre explorou suas habilidades comunicativas para criar, poética e plasticamente, seus textos.

Guimarães (2004) descreve minuciosamente o percurso histórico do que se denomina poesia visual. A pesquisa apresentada por esta autora retoma a Antiguidade, com a apresentação do poema *O ovo* de Símias de Rodes, passa pelo período carolíngio (1200 anos depois de Símias de Rodes), atinge o período Barroco, considerado por ela como aquele em que se verifica o início efetivo de um percurso da visualidade até chegar ao século XX.

Acreditamos que, começa a gestar-se, naquele momento, uma poética que busca o movimento, não apenas das imagens visualizadas com a mediação dos significados dos vocábulos, mas um movimento em termos das camadas significantes (ou materiais) do signo verbal, como pode ser observado nos famosos labirintos cúbicos, obras poéticas compostas como uma verdadeira malha visual de letras que formam versos repetidos. Nessa malha, o deslocamento de uma letra assinala o caminho para pequenos textos ocultos, a serem lidos em diversas direções, na vertical, nas transversais, da direita para a esquerda e assim por diante. Desse modo, a estrutura do texto conduz a um movimento diferenciado do olhar, que deve caminhar pelos corredores do texto-labirinto ou percorrer os textos anagramáticos nas mais variadas direções (GUIMARÃES, 2004, p. 31).

Depois de alguns séculos, a poesia visual chega à modernidade com Mallarmé que se apresenta como um de seus maiores representantes:

Entendemos que Stéphane Mallarmé, por sua vez, realiza seu percurso na linguagem fazendo do espaço do poema o espaço de um jogo que recupera, em certo sentido, o impulso lúdico que regia a poética barroca. Ao propor a fragmentação da frase e dos vocábulos, a descontinuidade em lugar da ligação, a justaposição em lugar da conjugação dos elementos, o poeta francês aponta o caminho para que, na poesia moderna, as palavras deixem de falar por meio de relações gramaticais e passem a irradiar por si mesmas as múltiplas possibilidades significativas (GUIMARÃES, 2004, p. 56).

Guillaume Apollinaire também representou um marco na literatura francesa, como um dos vanguardistas da poesia visual. A expressão “caligramas”, valendo-se da noção de “caligrafia” e de “ideograma”, foi empregada pela primeira vez por Apollinaire. Muitos de seus textos são conhecidos em todo o mundo como podemos observar na Figura 3.

S
A
LUT
M
O N
D E
DONT
JE SUIS
LA LAN
GUE È
LOQUEN
TE QUESA
BOUCHE
O PARIS
TIRE ET TIRERA
T O U JOURS
AUX A L
LEM ANDS

Figura 3 – Caligrama de Apollinaire

Fonte: <http://chikasdepixel.wordpress.com/2008/10/04/caligramas/>

A partir do século XX, ocorre uma explosão da relação palavra e imagem, propiciada pelos mais variados meios de comunicação e toda tecnologia a eles atrelada. Além disso, devemos considerar também como um movimento literário significativo que ocorreu em meados do século passado: o concretismo.

De acordo como Peitroforte (2004, p. 142), “a poesia concreta, em sua proposta estética, intensifica e carrega de poeticidade uma

CASTRO, Adriane Belluci Belório de; SÁ, Léa Sílvia Braga de Castro. *Imagem e Palavra: Sincretismo em Diferentes Gêneros*. Mimesis, Bauru, v. 32, n. 2, p. 99-114, 2011.

CASTRO, Adriane Belluci Belório de; SÁ, Léa Sílvia Braga de Castro. *Imagem e Palavra: Sincretismo em Diferentes Gêneros*. Mimesis, Bauru, v. 32, n. 2, p. 99-114, 2011.

relação entre palavra e imagem que existe em todo texto escrito.”

Para o autor, as dimensões poéticas de um poema concreto resultam da “complexificação entre duas semióticas (literária e plástica)”, uma vez que o sentido do texto não está na soma entre o literário e o imagético.

Ainda para o autor, o que se busca construir no sincretismo constitutivo da poesia concreta é uma nova forma plástica que reorienta o significado e o significante da palavra, da semiótica verbal, com sentidos de uma semiótica plástica.

Na Figura 4, deparamo-nos com um exemplo de poesia concreta de Augusto de Campos.

eis
os
amantes sem parentes
senão
os corpos
irmãum gêmeoutrem
cimaeu baixela
ecoraçambos
duplaminfantuno(s)empre
semen(t)emventre
estesse aquelele
inhumenoutro

Figura 4 – Eis os amantes

Fonte: http://www2.uol.com.br/augustodecampos/01_02.htm

Transformados em ambigramas, alguns poemas marcaram época, como o famoso *Pêndulo*, conforme Figura 5.

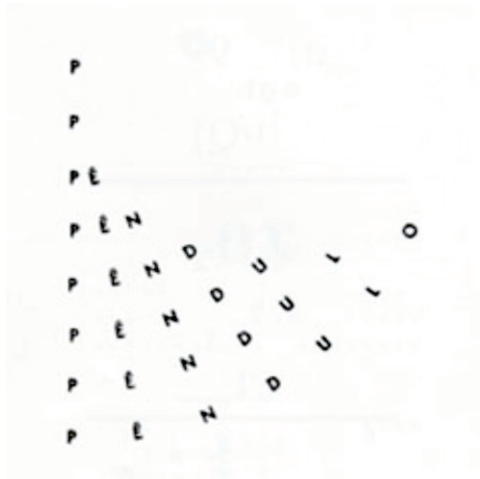


Figura 5 – Pêndulo, de E. M. de Melo e Castro
Fonte: <http://www.fcsh.unl.pt/invest/edtl/verbetes/C/caligrama.htm>

CASTRO, Adriane Belluci Belório de; SÁ, Léa Sílvia Braga de Castro. *Imagem e Palavra: Sincretismo em Diferentes Gêneros*. Mimesis, Bauru, v. 32, n. 2, p. 99-114, 2011.

Atualmente, a publicidade explora, com vigor, esse tipo de sincretismo originário do gênero poético.

A partir daqui, faremos a análise de alguns ambicaligramas que circulam em textos publicitários.

O primeiro texto publicitário que analisaremos refere-se à marca de óculos Miguel Giannini (Figura 6).

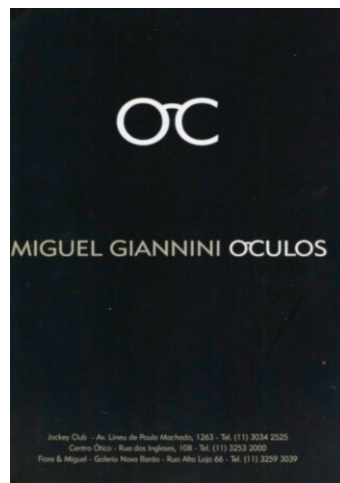


Figura 6 – Propaganda Miguel Giannini Óculos
Fonte: Revista *Vogue*, set. 2005, p. 35

No âmbito do visível, sobre um fundo totalmente preto, visualizamos o esboço (estilização) de uns óculos, construídos a partir da junção das letras O e C (retiradas da própria palavra óculos). Desses óculos aparecem apenas os aros na cor branca. Temos aqui uma oposição

CASTRO, Adriane Belluci Belório de; SÁ, Léa Sílvia Braga de Castro. *Imagem e Palavra: Sincretismo em Diferentes Gêneros*. Mimesis, Bauru, v. 32, n. 2, p. 99-114, 2011.

cromática “preto” x “branco” que remete à oposição “escuro” x “claro”, em que o escuro remete à dificuldade ou falta de visão, enquanto o claro está associado à possibilidade de visão (poder enxergar).

Essa oposição cromática nos leva à oposição semântica fundamental (falta de) não-visibilidade x visibilidade.

Na dimensão do legível, temos, além da expressão “Miguel Giannini óculos”, as letras O e C com o acento agudo sobre o O estendido até atingir a letra C, recurso pelo qual se constrói a figura dos óculos “O C”. Essa é uma construção que permite transmutar as letras O e C (código linguístico) em óculos (objeto – figura do mundo natural), portanto, tal relação entre o significado e a imagem é motivada por uma relação entre um sistema simbólico e um semi-simbólico.

Nesse texto publicitário, cujo objetivo é anunciar um produto, o próprio objeto (óculos) se expressa/apresenta e expressa/condensa o sentido do texto.

Ao trabalhar o sincretismo, neste texto, pelo uso de duas letras na construção de um objeto o qual é o próprio elemento central do anúncio – os óculos –, o enunciador, num modo próprio de dizer, procura despertar no enunciatário a sensação de que “enxergar no escuro” só é possível ou é bem melhor com o auxílio dos óculos Miguel Giannini, ou seja, o enunciador apela para e explora o sentido da visão do enunciatário que sente um alívio e conforto ao focalizar os óculos na página – objeto que se sobressai no fundo preto, o qual provoca uma sensação de embaraço e desconforto visual e, conseqüentemente, uma tensão emocional.

Passando ao segundo texto publicitário, da revista *Veja*, publicado em 03/09/2003, faremos a leitura de um ambicaligrama criado por Roberto Fernandez, em que se explora o contexto político-social internacional (Figura 7). Ao participar de uma campanha publicitária da revista *Veja* cujo slogan é “Quem lê *Veja* entende os dois lados. VEJA”, o ambicaligrama aguça a curiosidade do leitor e com ele trava um diálogo que rompe as fronteiras do visual e do verbal.



Figura 7 – Propaganda da revista *Veja* (03/09/2003)
Fonte: *Veja*, 03 set. 2003, pp. 34-5.

CASTRO, Adriane Belluci Belório de; SÁ, Léa Sílvia Braga de Castro. *Imagem e Palavra: Sincretismo em Diferentes Gêneros*. Mimesis, Bauru, v. 32, n. 2, p. 99-114, 2011.

Vivo e Morto formam a figura de Osama Bin Laden. Na parte superior, que engloba a cabeça, os olhos e o ouvido, a palavra “Morto”. Na parte inferior, a palavra “Vivo” constrói a boca contornada de barba e bigode.

Apesar de serem palavras antônimas (Morto/Vivo), os efeitos de sentido construídos por elas se desdobram e reforçam, muito mais, a significação vivo e não-morto. Podemos observar isto na representação visual da palavra Morto que traz a expressividade da vida nos olhos, representados pelas letras Q e R. Tais letras são cuidadosamente desenhadas para sugerir o esboço dos olhos do sujeito social, sendo que ao combinarem as formas de expressão – palavra e imagem – constroem a oposição semântica morte x vida (conteúdo).

Se, no plano de conteúdo, temos o significado de morto como “falta de vida”, no plano de expressão, percebemos dois pontos que iluminam o olhar da figura representada, indicando assim a presença da vida.

E o que é estar vivo? Nem sempre o vivo é aquele que tem vida, mas aquele que é cheio de astúcia, que é ardiloso, matreiro, dotado de sagacidade, inteligência, perspicácia, dotado de ricos recursos para exprimir ideias, sentimentos, emoções.

Esse contraste representado na figura de Bin Laden faz referência à força ideológica intensa e expressiva que motiva, direciona e rege a vida de seus seguidores. E como agiu Bin Laden para atingir seu propósito e motivar seus seguidores?

O discurso autoritário, acalorado, fervoroso de um líder penetra com intensidade. Assim, permanece ativo, vivo, intenso e ainda

CASTRO, Adriane Belluci Belório de; SÁ, Léa Sílvia Braga de Castro. *Imagem e Palavra: Sincretismo em Diferentes Gêneros*. Mimesis, Bauru, v. 32, n. 2, p. 99-114, 2011.

produz efeitos, mesmo sem a presença deste líder. E, toda expressividade do olhar associada à palavra vivo conflui para a boca, o canal utilizado para construir ideologicamente sua ação.

Sua atitude como líder revela persistência, diligência, vigor, entusiasmo, traços que o mantêm vivo e não ressequido ou morto. Por isso, as letras maiúsculas, com traçados grossos na palavra vivo, constroem o aspecto durativo de permanência, reforçado pela semelhança que se estabelece com o esparramar da tinta que configura a palavra, sem controle, pois o objetivo é justamente a propagação de um ideal.

CONCLUSÃO

Muito mais que elemento estético, o sincretismo, como discutido e visto neste artigo, revela a profunda “comunhão” que há entre diferentes linguagens na construção do sentido de um texto quando este se utiliza de ambicaligramas.

Esse recurso específico de expressão, ao mesmo tempo em que aguça nossa curiosidade e desafia nossos olhos, leva-nos a analisar e refletir sobre o conteúdo condensado em uma dupla forma de expressão. E, neste caso, não é uma questão de ver a imagem ou de ler a palavra, mas sim de ver imagem-palavra e ler a palavra-imagem.

REFERÊNCIAS

AMBIGRAMA. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Ambigrama>>.

Caligrama de Apollinaire. Disponível em: <<http://chikasdepixel.wordpress.com/2008/10/04/caligramas/>>.

CAMPOS, J. L.; FREITAS, R. de. **Caligrama e formulação gráfica**: uma rápida digressão sobre o design a partir de Foucault, Magritte e Apollinaire. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-campos-jorge-caligrama>>.

Eis os amantes. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/augustodecampos/01_02.htm>.

FONTANILLE, J. **Semiótica do discurso**. Tradução de Jean Cristtus Portela. São Paulo, Contexto, 2007.

HJELMSLEV, L. Expressão e conteúdo. In: **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. trad. J. Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 1973. p. 53-64

GREIMAS, A. J. & COURTÉS, J. **Semiótica**: diccionario razonado de la teoría del lenguaje. Tomo II. Madrid: Editorial Gredos, 1991.

GREIMAS, A.J.; COURTÉS, J. **Dicionário de Semiótica**. Tradução de Alceu Dias Lima et al. São Paulo, Cultrix, 1979.

GUIMARÃES, D.A.D. **Poesia visual & movimento**: da página impressa aos multimeios. 2004. 360f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2004.

MIRANDA, A. **O ovo de Símiás de Rodes**. Disponível em: <http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_visual/poesia_visual.html>.

Pêndulo, de E. M. de Melo e Castro. Disponível em: <<http://www.fcsh.unl.pt/invest/edtl/verbetes/C/caligrama.htm>>.

PIETROFORTE, A.V. **Semiótica visual**: os percursos do olhar. São Paulo, Contexto, 2004.

Propaganda Miguel Giannini Óculos. **Revista Vogue**, set. 2005, p. 35.

Propaganda da Revista Veja. **Veja**. 03 set. 2003, pp. 34-5.

CASTRO, Adriane Belluci Belório de; SÁ, Léa Sílvia Braga de Castro. *Imagem e Palavra: Sincretismo em Diferentes Gêneros*. Mimesis, Bauru, v. 32, n. 2, p. 99-114, 2011.